

## A FIGURA DE ALEXANDRE MAGNO SOB A ÓTICA DE PSEUDO-CALÍSTENES

Profa. Dra. Elisa Costa Brandão de Carvalho\* (UERJ)

**RESUMO:** O presente trabalho pretende oferecer uma visão geral da vida e das façanhas de Alexandre Magno, do ponto de vista de Pseudo-Calístenes, em sua obra *Romance de Alexandre Magno*, que serve como ponto de partida para a análise de algumas tradições em relação à figura brilhante de Alexandre e sua apresentação como um rei muito culto e sábio. A imagem de Alexandre Magno nesta obra penetra fundo na imaginação popular. Imagem esta que não é correta historicamente, mas é aquela que o público preferiu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alexandre Magno, Pseudo-Calístenes, crítica textual, relato fantástico.

## THE FIGURE OF ALEXANDRE MAGNO FROM THE PERSPECTIVE OF PSEUDO-CALLISTHENES

**ABSTRACT:** The present work intends to offer an overview of Alexandre Magno's life and exploits, from the point of view of Pseudo-Calístenes, in his work *Romance by Alexandre Magno*, which serves as a starting point for the analysis of some traditions in relation to the brilliant figure of Alexander and his presentation as a very learned and wise king. Alexandre Magno's image in this work penetrates deep into the popular imagination. This image is not historically correct, but it is the one that the public preferred.

**KEYWORDS:** Alexandre Magno, Pseudo-Callisthenes, textual criticism, fantastic report

O assim chamado *Romance de Alexandre Magno* foi atribuído erroneamente na Antiguidade a Calístenes de Olinto. Este era sobrinho do filósofo Aristóteles de Estagira e acompanhou o rei macedônio em sua expedição como historiador, tendo sido executado em 327 a. C. por causa de uma suposta participação em uma conspiração contra Alexandre e também por oposição à adoção na corte da *proskýnesis* (homenagem

---

\* E-mail: elcbrandao@yahoo.com.br

ao rei feita através da prostração diante do trono). Do trabalho historiográfico por ele escrito só nos restou poucos fragmentos, em que Alexandre Magno é apresentado como campeão do Pan-helenismo (ideologia que preconiza a união de todos os povos de origem grega num só Estado), e filho de Zeus, audácia justificada talvez pela crescente introdução de hábitos e ideologias tipicamente orientais no séquito do rei macedônio ao longo de sua expedição. Na verdade, o *Romance* ou *Vida de Alexandre Magno*, obra que nos chegou completa, fora escrita em sua primeira versão no século III d. C., por um grego residente em Alexandria, metrópole egípcia do Mediterrâneo Oriental. A origem egípcia é deduzida a partir de numerosas referências precisas a este país e da detalhada descrição da fundação da cidade de Alexandria.

O próprio texto em grego desta obra sobreviveu em diversas versões que apresentam acentuadas diferenças entre si. O relacionamento textual destas diversas versões constitui um problema bastante difícil, cuja solução muito contribuíram os estudos de Melkerbach (PSEUDO-CALÍSTENES, 1988, p.16). Na verdade, a crítica textual de uma obra como esta apresenta problemas peculiares dentro do quadro geral dos estudos clássicos, pois trata-se de uma obra de caráter essencialmente popular e escrita sem muito cuidado. Sendo assim, os escribas e os leitores não sentiam veneração e nem respeito pela literariedade do texto, o qual era tratado sem nenhum cuidado. Os usuários da obra faziam-lhe acréscimos, ou cortavam determinados trechos ou resumiam outros segundo o seu gosto peculiar.

De qualquer maneira, a obra agradou bastante ao gosto dos antigos e dos medievais, uma vez que foi traduzida em diversas línguas, proporcionando uma grande difusão. A obra foi traduzida para cerca de trinta idiomas. Dentre as traduções orientais temos aquelas feitas para o armênio, o georgiano, o persa, o siríaco, o árabe, o turco, o etíope clássico, o copta e o hebraico. Destas versões orientais, a siríaca e a armênia são bastante fiéis ao texto original, constituindo precioso auxílio no trabalho de crítica textual. Já as versões em árabe e etíope distinguem-se pela liberdade no tratamento da narrativa e pelo maior distanciamento em relação ao original. Tal fato ocorre porque a fidelidade não era regra geral entre os tradutores da Antiguidade, sobretudo entre os tradutores de textos populares, os quais trataram o texto de Pseudo-Calístenes com a mesma liberdade empregada pelos próprios copistas gregos.

Dentre as línguas da Europa Oriental, o texto foi traduzido para o sérvio, o búlgaro, o russo e o romeno. Tais traduções foram feitas a partir de originais gregos da época bizantina. Diversas traduções também foram feitas para o latim. Destas traduções

latinas foram elaboradas, na Idade Média, versões para o francês, o alemão, o espanhol, o italiano, o inglês, o sueco, o dinamarquês, o tcheco, o polonês e o húngaro. Dentre estas, as versões em francês, alemão e espanhol exerceram acentuada influência nos primórdios das literaturas nestas línguas. É particularmente interessante nestas versões a introdução de elementos cristãos e a apresentação de Alexandre Magno como um cavaleiro medieval.

Sob o aspecto do conteúdo, a obra apresenta uma narrativa que começa com a história de Nectanebo (Livro I, 1-14), último faraó da última dinastia egípcia. Nesta história bastante original, Alexandre Magno é apresentado como filho de Nectanebo, e não de Filipe da Macedônia (Livro I,1), o que é mais um indício da origem egípcia deste escrito, pois ao apresentar Alexandre como filho do último faraó, o autor assegura a continuidade poderosa da linhagem faraônica. Em seguida, é apresentada a história do relacionamento difícil entre Alexandre e Filipe e da expedição de Alexandre pela Ásia Menor, pela Sicília, pela Itália, por Cartágo, pelo Egito, Síria, Frígia, Trácia e a Grécia. Em seguida, retorna à Ásia Menor, cruza o Eufrates e chega à Pérsia e à Índia. Retorna, então, à Pérsia, encontra-se com Candace, rainha de Beroé e passa pelo país das Amazonas, chegando ao Mar Vermelho. Em seguida, chega à Babilônia, onde morre, mas seu cadáver é transportado por Ptolomeu até Alexandria no Egito. Tal itinerário demonstra não só um desconhecimento bastante acentuado sobre a verdadeira expedição de Alexandre, mas também um erro grosseiro acerca da geografia e da história. Só para ter uma ideia mais geral dos erros cometidos pelo Pseudo-Calístenes, na obra, Demóstenes é apresentado como um entusiasta da causa macedônia (Livro II, 3-5), os Espartanos eram marinheiros de guerra (Livro II, 6), a Pérsia é uma cidade (Livro II, 13) e Candace é rainha de Béroe e não de Méroe, reino que se situa próximo da região da Assíria, e não ao sul do Egito (Livro III, 18). Vê-se logo que o autor deste relato não era muito instruído e mesmo o seu estilo é muito descuidado. Na verdade, embora a redação principal da obra possa ser datada do século III d. C., são utilizadas nela materiais que remontam, em alguns casos, ao século II a. C.. O que Pseudo-Calístenes fez foi nada mais que juntar de maneira desordenada e sem maiores cuidados com a forma diversos materiais que estavam ao seu alcance. A obra tem duas fontes principais: um relato histórico sobre Alexandre proveniente da época helenística e uma coleção de cartas em forma de romance epistolar. Sabe-se que na época helenística e mesmo na romana proliferavam as biografias e os relatos acerca de Alexandre Magno, o que era natural,

uma vez que sua figura solitária de conquistador precocemente falecido sempre exerceu um grande fascínio que se nota até nos dias de hoje.

O Pseudo-Calístenes utilizou-se na composição de sua obra de uma biografia de Alexandre. No entanto, esta biografia estava escrita à maneira helenística, ou seja, com grandes doses de retórica que dirigem a atenção antes ao patético e à dramaticidade dos fatos do que sua narração propriamente dita. Já a coleção de cartas usada também por Pseudo-Calístenes continha um relato acerca das aventuras de Alexandre em forma de epístolas trocadas pelos principais personagens da história. Tal gênero literário teve sua origem como um exercício escolar nas academias de retórica na época helenística. Também dois fragmentos papiráceos encontrados no Egito apresentam restos de seis cartas que formam uma antologia de um romance epistolar acerca de Alexandre Magno. O Pseudo-Calístenes demonstra grande respeito por estas cartas e, provavelmente, considerava-as autênticas, fazendo questão de inseri-las em seu relato, muitas vezes nos lugares errados e em grande desordem.

Deve-se assinalar ainda como outra fonte do *Romance de Alexandre* o relato acerca de aventuras fantásticas e inverossímeis ocorridas nos confins da Índia e da Pérsia. Com efeito, o Pseudo-Calístenes relata-nos que, enquanto percorria essas regiões, Alexandre encontrou todo tipo de monstros, plantas e animais fantásticos e grotescos. Tal tipo de relato fantástico é comum na literatura de todos os povos, bastando assinalar na literatura grega as aventuras de Ulisses na epopeia homérica *Odisseia*. Vários viajantes europeus da Idade Média, como o próprio Marco Polo, percorreram as mesmas regiões trilhadas por Alexandre no Oriente, e seus relatos acerca destas viagens também contêm elementos fantásticos, destacando-se neles a abundância de monstros berrantes. É natural que regiões longínquas, desconhecidas e lendárias despertam a fantasia humana, que os imagina habitados por seres fantásticos de todo o tipo. Nota-se ainda nestes relatos fantásticos a influência da tradição oral.

Outros episódios contidos na narrativa, como a lenda de Nectanebo, o colóquio de Alexandre com os *gymnosofistaí* (em grego significa sábios desnudos), os quais eram os sábios brâmanes hindus, e o relato sobre os últimos dias de Alexandre têm, provavelmente, existência autônoma antes de se verem integrados à obra de Pseudo-Calístenes.

Dentro de todo este conjunto de materiais não sobra praticamente nada de utilidade para a pesquisa histórica, de maneira que os historiadores modernos ao reconstituir a vida de Alexandre desprezaram a obra do Pseudo-Calístenes. De fato, ao

se ler esta narrativa, a impressão que se tem é de uma fantasia exuberante. A classificação deste relato dentro de um gênero literário determinado apresenta problemas. Apesar de geralmente ser conhecido como *Romance de Alexandre*, a obra não possui um dos elementos principais presente em todos os romances gregos, que é o relato amoroso. No entanto, deve-se reconhecer que, por ser uma narrativa originária do século III d. C., a obra de Pseudo-Calístenes talvez tenha recebido influência, de alguma forma, do romance grego antigo como gênero literário.

Na verdade, esta narrativa contém muitos elementos que a tornam semelhante à epopeia, sobretudo à *Odisseia*, como já mencionado acima. Alexandre é, como Ulisses, um homem que não tem medo de desvelar o desconhecido. Ambos, pelo contrário, são donos de uma insaciável curiosidade e viajam sempre por terras desconhecidas. A astúcia, a inteligência e a esperteza são também características comuns aos dois heróis, sendo as artimanhas de Alexandre perfeitamente comparáveis às de Ulisses. Na narrativa de Pseudo-Calístenes, Alexandre procura sempre avançar a fim de descobrir o fim do mundo, enquanto seus soldados, muitas vezes cansados, querem desistir. No entanto, o macedônio insiste sempre no avanço e é várias vezes advertido por seres fantásticos ao longo do caminho para não ultrapassar os limites adequados a um mortal, pois caso contrário incorreria em desgraça. É na Índia que Alexandre decide recuar ao escutar, através de um oráculo proferido por uma árvore falante, que morreria em Babilônia sem voltar a ver sua mãe Olímpíade, a qual morreria de forma violenta juntamente com sua nora, Roxane (Livro III, 17). Ora, sabe-se que, historicamente, Alexandre não passou da Índia, embora quisesse prosseguir, porque seus soldados, atingidos em cheio pelas monções, estavam cansados e desmotivados, recusando-se a seguir adiante. De qualquer maneira, Alexandre recuou invicto. O herói enfrenta todo tipo de dificuldade em seu avanço com uma incrível determinação e força de espírito. É ainda um herói cavaleiresco que, longe de se regozijar com a morte de seu principal adversário, o rei da Pérsia, Dario III Codomano, chora sobre o seu cadáver, dá-lhe honras fúnebres principescas e pune os traidores que o mataram, casando-se ainda com sua filha Roxane num sinal de ausência total de animosidade para com os persas (Livro II, 20-22). Morre traído e envenenado na Babilônia, mas quando expira, as trevas estendem-se pela atmosfera, uma estrela desce do céu até mar na companhia de uma águia e a estátua de Zeus se move. Na verdade, Pseudo-Calístenes opera em sua narrativa a passagem do histórico ao mitológico. Sabe-se, por exemplo, que Alexandre Magno era realmente de baixa estatura e tinha olhos grandes e brilhantes.

Representações iconográficas de sua figura são preservados em moedas e relevos, e todos seguem mais ou mesmo padrão, segundo o qual Alexandre é apresentado com traços semelhantes ora aos de Hércules, ora aos de Aquiles, ora aos do próprio Zeus. Segundo Pseudo-Calístenes, Alexandre, ao crescer revelava feições que não eram semelhantes nem às seu verdadeiro pai, Nectanebo, nem às de seu suposto pai Filipe, nem às de sua mãe Olímpíade. Tinha ele uma aparência de leão e uma acentuada assimetria entre as duas metades da face, o que revelaria um poder demoníaco. Apresentava o olho direito castanho e o esquerdo verde sendo que em outra recensão do texto grego um de seus olhos era branco e o outro preto. Seus dentes eram agudos como os de uma serpente, e o texto de Pseudo-Calístenes assinala explicitamente que, por essa sua aparência natural, evidenciava como havia de revelar-se em seu caráter. Alexandre não pratica magia, embora respeite e consulte os oráculos de todos os lugares por onde passa. No entanto, seu verdadeiro pai, o ex-faraó Nectanebo é um exímio mago e astrólogo e desde o nascimento de Alexandre a magia, a astrologia e os oráculos colocam-no como futuro dono do universo (Livro I, 15). Como exemplo, podemos citar a passagem do cavalo Bucéfalo. Este era um cavalo extremamente feroz adquirido por Filipe e segundo um antigo oráculo, aquele que conseguisse montá-lo e domá-lo seria o imperador do universo. Tal cavalo tinha a peculiaridade de ser antropófago, e a ele eram atirados os condenados à morte, para que fossem devorados. Seus relinchos terríveis enchiam de medo a todos. Quando, porém, o jovem Alexandre o contempla, o cavalo torna-se subitamente dócil e manso, com um suave relincho, e Alexandre só precisa abrir a porta da cocheira para montá-lo sem nenhuma dificuldade e com ele percorrer as ruas de Pela, a capital da Macedônia, sendo então aclamado pelo povo como o imperador do universo (Livro I, 17).

De qualquer maneira, na apresentação feita por Pseudo-Calístenes, Alexandre é um herói sem defeitos, um homem que busca sempre mais conhecimento e poder através de meios leais e que com todo o seu poder não hesita em deter-se longamente diante dos *gymnosofistai* da Índia, sábios inteiramente despojados de ambições materiais, para com eles conversar e aprender. Admirado com a sabedoria deles, Alexandre permite ao fim do diálogo que eles peçam qualquer coisa. Eles todos, então, pedem-lhe precisamente a única coisa que não estava ao alcance do poderosíssimo soberano: a imortalidade (Livro III, 5). Ao longo de toda obra repete-se constantemente que há um limite para as ambições humanas, mesmo para uma ambição tão grande e tão bem sucedida como a de Alexandre.

A imagem de Alexandre Magno difundida por esta obra penetra fundo na imaginação popular. O público preferiu, sem nenhuma hesitação, o relato romanesco fantástico e inverossímil de Pseudo-Calístenes a obras escritas com muito maior rigor e cuidado, as quais muitas vezes se perderam ao longo dos séculos.

Apesar de seu estilo pouco original, de seus erros grosseiros de história e geografia e da organização confusa de seus materiais, foi o Pseudo-Calístenes, sem dúvida alguma, aquele que mais contribuiu para difundir a imagem de Alexandre Magno no Oriente e no Ocidente, imagem esta que não é correta historicamente, mas é aquela que o público preferiu. Diz a lenda que Alexandre inflamado pela leitura das façanhas de Aquiles na *Ilíada*, desejou certa vez que um literato, do porte de um Homero, celebrasse as suas próprias façanhas. Quem cumpriu esta tarefa com maior êxito foi um literato anônimo e desconhecido do século III d. C., residente em Alexandria, que compôs uma obra com tantos defeitos acima aludidos. Trata-se de uma grande ironia da história.

#### Bibliografia:

BAILLY, A.. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1979.

BRANDÃO, J. L. *A invenção do romance: narrativa e mimese no romance grego*.  
Brasília: UnB. 2006.

DOYSEN, Johann Gustav. *Alexandre O Grande*. Tradução: Regina Schöpke e Mauro  
Baladi. Rio de Janeiro: Contraponto. 2010.

GUAL, Carlos García. *Los origines de la novela*. Madrid: Istmo. 1972.

MOSSÉ, Claude. *Alexandre, o Grande*. Tradução: Anamaria Skinner. São Paulo:  
Estação Liberdade, 2004.

PSEUDO- CALÍSTENES. *Vida y hazañas de Alejandro de Macedonia*. Tradução,  
prólogo e notas de Carlos García Gual. Madrid: Editorial Gredos, 1988.

PSEUDO-CALLISTHÈNE . *Le roman d'Alexandre: la vie et les hauts faits  
d'Alexandre de Macédonie*. Tradução e comentários de Giles Bounoure et  
Blandine serret, Paris: Les Belles Lettres. 1992.

ROSENMEYER, P. “*The epistolary novel*”, em: STONEMAN, R.; MORGAN, J. R.  
*Greek fiction: the Greek novel in context*, London, New York: 146-165. 1994.

STONEMAN, R. *The Greek Alexander Romance*, London. 1991.